

A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL E A NECESSIDADE DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

THE ONTOLOGY OF SOCIAL BEING AND THE NEED OF HUMAN EMANCIPATION

André Luis Augusto Bonacini*

RESUMO: O presente ensaio busca analisar a centralidade do conceito do trabalho na vida humana, enquanto atividade responsável pela constituição do ser social. Investigaremos de que maneira o advento do trabalho estranhado retira a possibilidade de emancipação dos trabalhadores, e sua completa humanização. Partiremos da hipótese de uma perspectiva positiva em relação ao conceito de trabalho no pensamento de Marx subordinada a construção de um novo modo de produção onde a exploração do homem pelo homem seja suprimida.

Palavras-chave: Trabalho. Ontologia. Emancipação Humana.

ABSTRACT: *This article seeks to analyze the centrality of the concept of work in human life, while activity responsible for the formation of social man. We investigate how the advent of labor estranged removes the possibility of emancipation of the workers, and their full humanization. We start from the assumption of a positive outlook on the concept of work in Marx's thought subordinate the construction of a new mode of production in which the exploitation of man by man is abolished.*

Keywords: *Work. Ontology. Human Emancipation.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma discussão inicial acerca da centralidade da categoria de trabalho dentro da perspectiva marxista, partindo da gênese do conceito. A investigação proposta busca elementos para elucidar um velho problema dentro do debate do materialismo histórico-dialético: há uma positividade do trabalho na perspectiva de Marx? A emancipação humana, e portanto, a emancipação do trabalho será concomitante a sua destruição?

* Mestrando em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho Campus de Franca. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho;, Campus de Marília.

Para desvelar essa problemática, partiremos da definição de trabalho, e da própria constituição do ser social para determinarmos como a relação capital/trabalho dentro da ordem do capital é destrutiva, especialmente a classe trabalhadora. Neste sentido, a luta pela emancipação humana aparece enquanto condição necessária para a realização humana em seu caráter genérico. Por fim, analisaremos a proposta de superação das contradições geradas pelo trabalho estranhado, e por conseguinte, a positividade que o conceito de trabalho deve adquirir com a transformação das relações dentro de um modo de produção que não esteja baseado na exploração do homem pelo homem.

1 O TRABALHO E A TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA

O desenvolvimento da técnica, aliado a transformação da natureza fez do ser humano um animal superior qualitativamente. Não se trata, entretanto, de um mero juízo de valor. As implicações da relação homem e natureza introjetaram em sua espécie determinações distintas das demais. Diferentemente dos outros animais, o homem têm para o trabalho um objeto de própria vontade, e uma relação consciente com o mesmo.

O homem produz universalmente sempre o novo para todo o gênero, ou seja, o objeto do seu trabalho é a própria objetivação da existência genérica do homem (MARX, 2004). Por conseguinte, a atividade vital humana (seu caráter genérico) distingue radicalmente dos demais animais por sua atividade consciente para com o mundo, e, sobretudo, dotada de liberdade (MARX, 2004). Sobre isso, Marx aponta:

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. (MARX, K. 2004, p.84)

Enquanto as demais espécies se apropriam da natureza como forma de subsistência, isto é, um fim em si mesmo, os seres humanos se apropriam desta enquanto meio, condição necessária de sua existência. Não se trata porém de desqualificar a produção do animal, conforma aponta Marx:

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira. (MARX, K. 2004, p.85)

Por conseguinte, embora haja atividade produtiva em distintas espécies, essa não se caracteriza enquanto trabalho, pois não ocorre a objetivação de tais espécies. A natureza se apresenta para o homem como seu próprio corpo inorgânico, isto é, o homem vive da natureza, e a partir desta que o homem se desenvolve e se humaniza, a natureza é sua extensão (MARX, 2004). Marx afirma:

O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (sinnlich). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual [o trabalho] produz. . (MARX, K. 2004. P.81)

As mediações entre a relação do homem com a natureza ocorre dentro do processo do trabalho. Afirma Marx em *O Capital*:

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso,apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas,**condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e,**

portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais.(MARX,K. 1985. Tomo I. , p.153, grifo nosso)

O trabalho adquire em nosso autor o papel de atividade fundante da humanidade, elemento constitutivo do *ser social*. Por ser ele o responsável pela produção de riqueza social (e pela criação de meios necessários para a sobrevivência) o trabalho se caracteriza como condição *sine qua non* para que o homem satisfaça suas necessidades. Contudo, é preciso observar que a transformação da natureza ocorre sempre no interior de uma determinada organização social (modo de produção), e por conseguinte, ela é determinada política e socialmente dentro de um determinado contexto social (MARX, 2004).

Portanto, para termos uma compreensão mais profunda do conceito de trabalho em Marx e o caráter negativo que esse incorpora na sociedade capitalista se faz necessário a retomada da noção de história dentro do materialismo histórico-dialético.

Para Marx e Engels, o motor da história humana, o seu propulsor, é a luta de classes. Esta conclusão foi extraída partindo de uma análise dos mais distintos *modos de produção* da história humana¹. A principal característica desta “guerra ininterrupta” é a impossibilidade de conciliação entre estas classes sociais antagônicas. Na organização social capitalista este conflito por sua vez tem em sua raiz um aspecto fundamental ligado à teoria do valor e ao próprio trabalho, pois, enquanto a classe explorada (*proletariado*) cumpre na produção o papel de geração de riqueza social, a partir do trabalho, a classe exploradora (*burguesia*) cumpre o papel de espoliação do trabalho alheio, por meio da *mais valia*.

Esta primeira tese referente à dialética da história e o conflito entre as classes foi popularmente difundida na obra

¹ “Homem livre e escravo, patricio e pebleu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária por inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito.” (MARX,K. ENGELS,F. p.40, 2005).

Manifesto Comunista e é o alicerce de toda a estrutura da teoria materialista da história. O modo de produção capitalista, o qual nossos autores se situam aprofundou essa cisão e delimitou ainda mais este choque entre as classes sociais. A consolidação da burguesia enquanto classe hegemônica, por sua vez, foi um “produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de transformações no modo de produção e de circulação” (MARX, K. ENGELS, F. 2005).

Se por um lado a burguesia cumpriu um papel revolucionário de superar e dissolver as antigas relações e instituições feudais, ela passa a subordinar todas as relações humanas a uma só lógica: a comercial.² Sobre esta constituição da burguesia enquanto classe dominante na obra, Chauí aponta:

A gênese de nossa sociedade decorre do surgimento da burguesia em um processo de desenvolvimento de várias revoluções, porém distingue-se de todas outras formações históricas pela simplificação dos antagonismos sociais: a determinação econômica do social torna-se plenamente visível e a sociedade se divide em duas classes que se enfrentam diretamente. (CHAUÍ, M. 2007)

O regime burguês baseado na propriedade privada passa a abolir gradativamente a dispersão geográfica dos meios de produção e da própria população. A substituição do trabalho artesanal pelo industrial leva contingentes cada vez maiores de trabalhadores a migrarem do campo a cidade (MARX, 2005). O crescente proletariado urbano desprovido dos meios de produção e reprodução (da própria vida) vê-se obrigado a vender sua força de trabalho, através do *salário*³. O capitalismo, em seu processo histórico tratou de expropriar completamente as faculdades

² “Em uma palavra, em lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despuddorada e brutal.” (MARX, K. ENGELS, F. p.42, 2005).

³ “O salário é determinado mediante o confronto hostil entre capitalista e trabalhador.” (MARX, K. p.23, 2004).

humanas: primeiro os meios para a reprodução, depois lhe é retirado o resultado de seu trabalho.

A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção. (MARX, K. ENGELS, F. 2001, p.11)

Essas relações materiais de produção estão inseridas à esfera que Marx denomina *infraestrutura*. Esta esfera é o pilar da possibilidade da vida, pois representa a organização do homem para produzir seus meios de subsistência, os quais lhe permite atuar no mundo. Veremos que a superestrutura mantém uma relação dialética com os meios materiais disponíveis, em outras palavras, são determinadas ao *modo de produção* que se encontram. As relações são complexas, mas em última análise as condições materiais acabam por definir o rumo geral do desenvolvimento histórico da humanidade. Sobre esse papel do modo de produção no metabolismo social e a relação entre as classes Chauí aponta:

Em outras palavras, na perspectiva da *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de *A Ideologia Alemã* e do *Manifesto*, o fio que tece a história é o desenvolvimento das forças produtivas, desenvolvimento que é contraditório com as relações sociais de produção e por isso o fio é rompido pela luta de classes. Esse fio produz o movimento imanente ou o desenvolvimento de uma forma singular, um modo de produção determinado, e a ruptura desse fio pela luta de classes engendra o devir histórico dos modos de produção. (CHAUÍ, M. 2007)

É justamente a partir desta infraestrutura que se alça a esfera da *superestruturura* que engloba os aspectos políticos, jurídicos e ideológicos, incluindo aí o próprio Estado. A reprodução metabólica da “lógica” do capital (baseada na acumulação primitiva de capital e concorrência) deturpa a relação do trabalhador com o produto de seu trabalho. Portanto, a produção de riqueza social

dentro do modo de produção capitalista se dá concomitantemente a exclusão do trabalhador (produtor de tal riqueza) no processo. Sobre isso Marx aponta:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. .(MARX, K. 2004, p.80)

Veremos a seguir os mecanismos pelo qual ocorre a inversão citada, e seus desdobramentos na constituição do *ser social*. A apropriação do trabalho alheio retira o caráter positivo do trabalho, transformando o seu produto em algo estranho, indiferente a quem o produziu. O advento do trabalho estranhado transforma o produto de sua atividade vital em algo distante de si, separado de sua consciência (MARX, 2004). Afirma Marx:

A exteriorização (Entäußerung) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (äussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausser ihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concendeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, K. ENGELS, F. 2004, p.81)

O processo de humanização das coisas e desumanização do homem através do trabalho no modo de produção capitalista retira a liberdade do indivíduo, e o retira seu caráter de existência (enquanto ser social) para a simples subsistência (MARX, 2004). Esta inversão na relação entre produtor e produto se manifesta em uma determinada forma de servidão, conforme aponta Marx:

Segundo este duplo sentido, o trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um *objeto do trabalho*, isto é, recebe *trabalho*; e, segundo, porque recebe *meios de subsistência*. Portanto, para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e. Em segundo, como *sujeito físico*. O auge desta servidão é que somente o *trabalhador* ele [pode] se nabter como *sujeito físico* e apenas como *sujeito físico* ele é trabalhador. (MARX, K. ENGELS, F. 2004, p.81-82)

2 EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO HUMANA: OS LIMITES DO CAPITAL E SUA SUPERACÃO

Vimos até agora como o modo de produção capitalista inviabilizou o processo de humanização dos produtores da riqueza social (trabalhadores). A crítica a economia política de Marx é sobretudo uma crítica a noção de trabalho ingegrada pelo capital. A discussão sobre Emancipação Política e Emancipação Humana presente nas obras Sobre a Questão Judaica de 1843 e Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social” de um Prussiano de 1844 nos traz elementos sobre os limites da emancipação dentro do capital, e a necessidade de superação desta ordem.

Situados nas chamadas de obra de juventude de Karl Marx, tais textos são fundamentais para a compreensão do posterior desenvolvimento da obra do autor. Primeiramente, em A Questão Judaica, o autor parte de uma polêmica com Bruno Bauer delimitando a distinção entre Emancipação Política e Emancipação Humana.

A emancipação política representa as conquistas parciais da classe trabalhadora frente ao capital (melhores condições de trabalho, jornada de trabalho reduzida, entre outras) (MARX, 2010). Embora esta represente uma forma de resistência ao projeto hegemônico burguês, a emancipação política encontra seu limite na própria estrutura do capital, decorrendo em uma dualidade. Sobre isso nosso autor aponta em *Sobre a questão judaica*:

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” (forças próprias) como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política. (MARX, K 2010, p.54)

Por conseguinte, a plena transformação das relações permeadas pelo jugo do capital só podem ocorrer mediante uma revolução social, que supere a parcialidade da emancipação política. Esta por sua vez, só pode ocorrer mediante a derrubada da velha ordem pela classe social revolucionária, que no contexto do capital equivale ao proletariado. Afirma Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*:

De todas as classes que hoje em dia se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto mais autêntico. (MARX, K; ENGELS, F; 2005, p.49)

Todavia, nosso autor observa que nos distintos modos de produção que ocorreram na história humana, a subida revolucionária de uma classe sempre se deu a partir de uma apropriação comum, a exploração do homem pelo homem (MARX, 2005). A tarefa do proletariado, ao contrário, devem dissolver as relações existentes, de modo a suprimir por completo essa exploração. Portanto, a luta do proletariado não pode ser uma luta pelo poder do Estado, mas por sua própria supressão.

A condição essencial para a existência e supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o crescimento do capital: a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários, resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria base sobre a qual ela assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveitos. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis. (MARX, K 2005, p.51)

É justamente nesta dialética apresentada pelos autores que reside o caráter revolucionário do proletariado. Se, como vimos, o proletariado (que produz riqueza social e material) é reduzido a mercadoria no âmbito do capital, ele, e somente ele, é capaz de produzir e reproduzir os meios necessários para a vida.

O capital por sua vez, não só se apropria do trabalho alheio, mas lança mão de um importante recurso de dominação e reprodução do modo de produção capitalista: a propriedade privada. É precisamente na propriedade privada que reside o “fundamento” de exploração de uma classe sobre a outra.

Da relação do trabalho estranhado com a propriedade privada depreende-se, além do mais, que a emancipação da sociedade da propriedade privada etc., da servidão, se manifesta na forma *política da emancipação dos trabalhadores*, não como se dissesse a respeito somente à emancipação deles, mas porque na sua emancipação está encerrada a [emancipação] humana universal. Mas esta [última] está aí encerrada porque a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são

apenas modificações e consequências dessa relação.
(MARX, K 2005, p.51)

Portanto, como vimos até aqui, o trabalho caracteriza-se como fundamento para a humanização do ser social. É a partir deste que o ser humano encontra seu caráter genérico, aquilo que o aproxima dos demais. Entretanto, no modo de produção capitalista o produto do trabalho é retirado de quem o produziu, gerando o estranhamento. Não obstante, a propriedade privada e sobretudo a economia política cumprem um papel central na reprodução do metabolismo do capital, e sua manutenção. Sobre isso, Chasin aponta:

A questão, para Marx, posta da perspectiva do trabalho, cifra-se precisamente pela ruptura do anel vicioso. Ou seja, antes de tudo há que romper com o círculo perverso da própria política. Pondo-se com isto nas condições de desenvolver a luta contra o poder do capital na esfera do próprio capital.
(CHASIN, J 2000, p.23)

A perspectiva da emancipação humana, neste sentido, adquire um caráter amplo, da própria libertação do homem, de sua realização histórica. É preciso apontar sobretudo, que longe de ser meramente uma crítica a negatividade do trabalho alienado, o pensamento de Marx busca uma superação da realidade e a construção de uma nova sociedade, igualitária e verdadeiramente humana. Sobretudo, a supressão da exploração de classe, é a extinção das próprias classes sociais. Afirmar Marx:

Se o proletariado, em sua luta contra a burguesia, se organiza forçosamente como classe, se por meio de uma revolução se converte em classe dominante e como classe dominante destrói violentamente as antigas relações de produção, destrói, juntamente com essas relações de produção, as condições de existência dos antagonismos entre as classes,

destrói as classes em geral e, com isso, sua própria dominação como classe. (MARX, K 2005, p.59)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorre-se de tudo que foi dito até aqui algumas inferências fundamentais. Primeiramente a obra de Marx insere-se num determinado modo de produção que mantém em vigência suas estruturas fundamentais. Uma vez que tal modo de produção se mantém preservado, as determinações resultantes do processo de estranhamento do trabalho ainda coexistem. Sobre essa negatividade do trabalho, Ricardo Antunes aponta:

Se se constitui num grande equívoco imaginar-se o fim do trabalho na sociedade produtora de mercadorias e, com isso, imaginar que estariam criadas as condições para o reino da liberdade é, entretanto, imprescindível entender quais mudanças e metamorfoses vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, bem como quais são seus principais significados e suas mais importantes consequências. No que diz respeito ao mundo do trabalho, pode-se presenciar um conjunto de tendências que, em seus traços básicos, configuram um quadro crítico e que têm direções assemelhadas em diversas partes do mundo, onde vigora a lógica do capital. (ANTUNES, R 2001, p.37)

Sobre essas tendências atuais do metabolismo do capital, Antunes aponta:

Duas manifestações são mais virulentas e graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica voltada prioritariamente para a produção de mercadorias que destroem o meio ambiental. (ANTUNES, R 2001, p.37)

Portanto, a atualidade da ofensiva do capital sobre o trabalho se apresenta como uma predatória relação entre produção e natureza, trabalho e homem. Tal tese confirma a necessidade de resgate do materialismo histórico-dialético enquanto instrumento de análise e transformação da realidade.

Em segundo lugar, a libertação do homem da servidão do trabalho estranhado, e por conseguinte de sua própria condição de mercadoria só pode ser fruto de uma incansável luta pela supressão da exploração de uma classe sobre a outra. Esta supressão não pode ocorrer de outra forma se não violentamente, uma vez que toda a superestrutura vigente opera de maneira a reproduzir o metabolismo social deste sistema. Sobretudo, esta ruptura requer não só uma transformação política, mas social. Conforme aponta Chasin:

Em Marx, o estado e a política em geral, como domínio separado, deve ser superado através de uma transformação radical do complexo social. A ação social perspectivada não poderá ser uma revolução política, mas social, sob pena de pagar o ônus de ficar travada dentro dos confins das formas políticas antiquadas. A revolução social visa a remover a contradição entre parcialidade e universalidade que as revoluções políticas do passado sempre reproduziram, submetendo a sociedade em seu complexo ao domínio da parcialidade política, em benefício do setor ou setores dominantes da sociedade civil. (CHASIN, J 2000, p.25)

Por fim, a emancipação humana apresenta-se na tradição do materialismo histórico dialético como uma saída necessária a toda humanidade, o momento no qual ocorrerá a realização histórica da filosofia, e do próprio homem.

Emancipação é, pois, reunificação e reintegração de posse, social e individual, de uma força que estivera alienada. A força de se produzir e reproduzir, na individuação e na livre associação comunitária, pela única forma que o homem conhece e da qual é capaz – a sua própria atividade. (CHASIN, J 2000, p.25)

Somente com a supressão da propriedade privada dos meios de produção (e do próprio capital), o ser social atingirá as condições plenas de auto-realização, constituindo assim um novo tipo de homem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Trabalho e Precarização Numa Ordem Neoliberal. In: GENTILI, P. e FRIGOTTO, G. (orgs). *A Cidadania Negada: Políticas de Exclusão na Educação e no Trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48.

CHASIN, J. Democracia e emancipação humana. In: *A determinação ontonegativa da politicidade*. São Paulo: Ad Hominem, 2000. Disponível em: <http://www.puro.uff.br/sites/default/files/user52/ANTUNES,%20Ricardo.%20Trabalho%20e%20precariza%C3%A7%C3%A3o%20numa%20ordem%20neoliberal,%20Cap%C3%ADtulo%20II..PDF>>. Acesso em: 10 abr 2016.

CHAUÍ, M. A história no pensamento de Marx. In: BORON, A. A.; AMADEO, J.; GONZALES, S. *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. São Paulo: Clasco, 2007. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap._____.5.doc>. Acesso em: 10 abr 2015.

MARX, K. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Contribuição a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *Sobre A Questão Judaica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.